

Leonardo Arantes Marques
Emilia Aparecida dos Santos Coutinho

Compêndio de
RELIGIÕES
E
ESPIRITUALIDADES

1ª edição
Brasil 2010

 **icone**
editora

© Copyright 2010
Ícone Editora Ltda.

Projeto gráfico, capa e diagramação
Richard Veiga

Revisão
Marsely De Marco Dantas

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico,
inclusive através de processos xerográficos, sem
permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP: 01135-000 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

Prefácio

Neste nosso tempo mecanicista e mecanizado, em que tudo – da aprendizagem ao trabalho; da diversão à alimentação – deve ser calculado para pertencer às regras cientificistas dos “Tempos Modernos”, com horários rígidos, ações processadas, metas impessoais para cumprir compromissos e negócios “produtivos”; competição e competitividade selvagem entre pessoas, instituições, cidades, estados e nações, por um sempre crescente acumular de bens e capital, enfim, em um tempo racionalizado, impessoal, medido, comercializado e, portanto, dessacralizado, por que ainda estudar Religiões?

A resposta, talvez, advenha, em parte, de uma fonte improvável, mas que consegue lançar uma luz que poucos – especialmente os que ditam as regras da sociedade industrial e das bolsas de valores – não querem ver. Advém de um autor frequentemente acusado de ateísmo, mas que, talvez por isso, tenha sido um dos poucos a perceber claramente o porquê da insistência no homem da aspiração ao “transcendente”, da ânsia por um aspecto de vida sagrado: Karl Marx.

Marx refletia que a religião é o “ponto de honra” do que resta de humano em um mundo cada vez mais desumanizado, reificado pelo próprio homem e, portando, cada vez mais impessoal. O teórico maior do socialismo dirá, em um texto da juventude, numa carta para Arnold Ruge, escrita em 1843, que “Todo o princípio socialista não é senão um lado no que concerne à realidade do verdadeiro ser humano”. E segue dizendo que é igualmente reconhecer o outro lado, em que está presente, além da ciência, também a Religião.

Porém, é a asserção mais famosa de Marx – e também a mais mal compreendida e deturpada, se virmos apenas sua oração final – encontrada em a “Crítica da filosofia do direito de Hegel” que nos fala claramente do porquê da existência e da importância da Religião, se, dentro do paradigma mecanicista dominante, não quisermos achar válida – sequer como hipótese – a existência de um mundo suprassensível, do qual as Religiões poderiam ser esboços de interpretação, geralmente mal sucedidas:

O homem faz a religião, não é a religião que faz o homem. A religião é, na realidade, a consciência e o sentimento do próprio homem que, ou não se encontrou ainda, ou já se perdeu de novo. Mas o homem não é um ser abstrato, exterior ao mundo real. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado, essa sociedade produzem a religião, uma consciência revirada do mundo (...).

E mais adiante, no mesmo texto, arremata e esclarece o pensador alemão que:

A religião é a teoria geral desse mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica sob forma popular, seu ponto de honra espiritual, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua razão geral de consolo e de justificação (...) A luta contra a religião é, indiretamente, a luta contra esse mundo do qual a religião é o aroma espiritual.

A miséria religiosa é, de um lado, expressão da miséria real e, de outro, protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida pela infelicidade, a alma de um mundo sem coração e é o espírito de uma época sem espírito. É o ópio do povo.

Ora, Marx deixa perfeitamente claro que a Religião, como modo de ser no mundo, como modo do Sagrado, ainda faz-se presente por ser este o modo de escapar à alienação dolorida de um mundo sem alma, sem compaixão e tornado assim pelo próprio homem. Compreende uma “consciência invertida” por que expressam os anseios mais profundamente humanos de liberdade, cuidado e felicidade que o mundo social, também criado pelo próprio homem, cada vez mais lhe nega – apesar das promessas em contrário. Neste sentido, a questão de a Religião ser também um remédio que ajude o homem a ir adiante nas dores que sente no mundo, ser o “ópio do povo”. O pensamento de Marx, assim, encontra o pensamento

de Mircea Eliade e Carl Gustav Jung, que foram grandes estudiosos das Religiões. O primeiro baseado na Antropologia, História e Filosofia e o segundo com base na Psicologia.

O homem, para estes autores, traz em si – como em metáfora parece ocorrer nas diferenciações dos hemisférios cerebrais – a predisposição de buscar sentido na vida, sentido que supere e oriente seu ser no mundo. Embora a predisposição arquetípica seja universal para a religiosidade, a sua concretude, contudo, é determinada pela História e pelo contexto social em que se realiza, e daí as diferenças de superfície encontradas nas diversas vertentes religiosas. Uma análise mais profunda, contudo, mostra que subjaz em todas elas uma fonte ou origem comum: a vivência de um aspecto da realidade não redutível às forças materiais, o aspecto de uma espiritualidade, que será traduzida nas roupagens e ideias de cada cultura de modo bem próprio, podendo mesmo ter o potencial de levar não à luz, mas ao conflito e à guerra, sem que isto, no entanto, elimine o potencial contrário e razão de ser desta predisposição arquetípica.

É a esta riqueza de diferenças que encobrem frequentemente uma base em comum que é a razão de ser deste livro, tão bem pesquisado pelos autores, e o suficiente motivo – mais atual do que nunca – do estudo das Religiões.

Que possamos, pois, receber com alegria esta contribuição escrita, instrumento útil que é para melhor entendimento do ser humano.

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

João Pessoa, janeiro de 2008

Apresentação

De início pode parecer ao leitor que os verbetes apresentados aqui estão muito longos, descritos algumas vezes de forma “prolixa”, em que uma síntese, resumo ou mesmo apenas uma pequena explicação rápida, como acontece ordinariamente nos vocabulários e dicionários, seria o suficiente. Porém, quando nos propusemos a realizar tal trabalho, conhecíamos e conhecemos o trabalho de vários dicionários, enciclopédias e vocabulários que nos ajudaram imensamente e estão devidamente citados nesse trabalho. O objetivo é ser um compêndio para que o leitor e pesquisador possa não só encontrar a resposta aos verbetes procurados, mas também navegar em outros verbetes para que esses outros possibilitem dialeticamente o movimento para outros tantos verbetes aqui expostos. Por isso, houve a preocupação de colocar no final de muitos verbetes o “ver”, a fim de indicar outros verbetes de interesse, muitas vezes ampliando a resposta do primeiro. O leitor perceberá logo de imediato que este trabalho possui números que aparecem em sobrescrito após algumas letras ou aspas, quando nos referimos a uma citação literal em que o leitor poderá conferir a ideia ou o mesmo pensamento ou posicionamento exposto pelo autor citado. Os números que aparecem entre (parênteses) no final do verbete representam os livros utilizados de forma indireta, assim o leitor poderá recorrer a eles caso sinta necessidade de pesquisa mais profunda. Após este apêndice temos “duas” bibliografias. A primeira é numerada e não está em ordem alfabética visando respeitar o uso dos números em parênteses após os verbetes para consultas rápidas. A segunda é normatizada academicamente, ou seja, os livros utilizados aparecem em ordem alfabética pelo SOBRENOME do autor, nome do autor, título do livro, região (Cidade, Estado ou País), editora e ano da publicação da obra quando apresentar.

“Resplandecente é a Sabedoria, e sua beleza é inalterável: os que a amam, descobrem-na facilmente. Os que a procuram, encontram-na. Ela antecipa-se aos que a desejam. Quem, para possuí-la, levanta-se de madrugada, não terá trabalho, porque a encontrará sentada à sua porta. Fazê-la objeto de seus pensamentos é a prudência perfeita, e quem Eu por ela vigia, em breve não terá mais cuidado. Ela mesma vai à procura dos que são dignos dela; ela lhes aparece nos caminhos cheia de benevolência, e vai ao encontro deles em todos os seus pensamentos, porque, verdadeiramente, desde o começo, seu desejo é instruir, e desejar instruir-se é amá-la”. (Sabedoria; 6.12-17).



Abaya (Islã) – Manto preto, com aberturas para os braços, que cai do topo da cabeça até os tornozelos. Usado geralmente nos países do Golfo Pérsico. (278) (367) (368) (369) (370) (371) (372) (373) (374) (375).

Abdon – (Ver Juízes).

Abhidhamma (Sabedoria) – (Ver Abhidharma).

Abhidharma – Em sânscrito; em páli, *abhidhamma* – ‘Ensino especial’; é a terceira parte do cânon budista. Pensamentos filosóficos de Budismo avançado compostos por Buda e reunidos em concílios posteriores para auxiliar a iluminação perfeita (*samma sabhodi*). O Abhidharma representa a primeira compilação da filosofia e da psicologia budista. De acordo com o ponto de vista Theravada, o esquema exposto pelo Abhidhamma é considerado como pertencendo ao domínio dos Budas, ou seja, não é a invenção do pensamento especulativo ou discursivo, ou um mosaico de hipóteses metafísicas, mas a exposição da verdadeira natureza da existência, tal como foi compreendida por uma mente que penetrou a totalidade das coisas, tanto em níveis mais profundos como nos maiores detalhes. Sendo assim, o Abhidhamma expressa do modo mais perfeito possível o conhecimento onisciente do Buda. É a manifestação de como as coisas são compreendidas

pela mente de um Buda, organizadas de acordo com os dois marcos principais dos seus ensinamentos: o sofrimento e a cessação do sofrimento.

“Agora, em que sentido o Abhidhamma pode ser chamado de filosofia? Façamos, grosso modo, uma divisão da filosofia em fenomenologia e ontologia e vamos caracterizá-las de modo sucinto da seguinte forma: a fenomenologia lida, como o nome implica, com os “fenômenos”, isto é, com o mundo da experiência interno e externo. A ontologia, ou metafísica, investiga e busca a existência e a natureza de uma essência, ou princípio último, que dá suporte a todo o mundo dos fenômenos. Em outras palavras, a fenomenologia investiga as questões: O que acontece no mundo da nossa experiência? Como isso acontece? A ontologia por outro lado, insiste que a questão “como” não pode ser respondida sem a referência a uma essência eterna que dá suporte à realidade, podendo essa essência ser concebida como imanente ou transcendente. Com frequência neste caso, a pergunta “como” é transformada em “porque”, assumindo a premissa tácita de que a resposta tem que ser encontrada fora da realidade tal como se apresenta. O Abhidhamma, sem dúvida, pertence à primeira dessas duas divisões da filosofia, isto é, a fenomenologia. Mesmo o termo dhamma, tão fundamental no Abhidhamma, que inclui as “coisas” corporais bem como materiais, pode muito bem ser interpretado como “fenômeno”. Portanto, o Abhidhamma não é uma filosofia especulativa, mas descritiva. Com o objetivo de descrever os fenômenos o Abhidhamma emprega dois métodos complementares: a análise e a investigação das

relações, (ou condicionalidade), dos fenômenos.” (Um Ensaio Sobre o Abhidharma – Somente para distribuição gratuita). (Ver Budismo e Tipitaka).

Abhiniveoea – Temor da morte, instinto de autopreservação, medo, sentimento de insegurança, ansiedade diante do futuro; tendência a algo, apego à vida, vontade de viver. (Ver Budismo).

Abhiseka – ‘Unção, consagração’. No Hinduísmo é a cerimônia de banho, especialmente para coroação de um rei ou a instalação da forma da Deidade do Senhor. Processo fundamental para os métodos do vajrayana em que o mestre autoriza o discípulo a executar práticas específicas de meditação. Geralmente o abhiseka é acompanhado da leitura e prática da sadhana correspondente, autorizando o discípulo a ler e praticar o texto correspondente, assim como um comentário verbal feito pelo mestre; esse comentário garante que a prática será executada da maneira adequada. (Ver Batismo).

Abiatar – ‘Pai de Abundância’. Décimo primeiro Sumo Sacerdote, sucessor de Aarão. Ele escapou quando Doegue, o edomeu, instigado por Saul, matou seu pai Aimeleque e oitenta e cinco sacerdotes em virtude de ter Abiatar intercedido por Davi e ter lhe dado o pão da proposição e a espada de Golias. Juntou-se a Davi em Queila, trazendo consigo uma estola – Peça litúrgica formada por longa faixa alargada nas extremidades – que habitou o futuro rei, na crise do exílio, a consultar o Senhor. Após Abiatar e Zadoque levarem a Arca da Aliança à Jerusalém, conspirou para que Adonias fosse o sucessor de Davi, foi desterrado para sua terra natal, Anatote, em Benjamim. Por fim, Salomão o afastou do seu cargo, mas sua vida foi poupada por causa dos seus serviços prestados a Davi¹.

Abismo – Do grego *Abyssos*, ‘profundidade sem fundo nem limites’. Na literatura enóquica significa o lugar de castigo²

consciente dos demônios ou dos anjos caídos. (Na Bíblia católica encontramos esse termo em várias passagens como em Lucas 8.31, (morada dos demônios); Romanos 10.7, (lugar onde JESUS desceu depois de sua morte na Cruz) e Apocalipse 20.2, (lugar do tormento eterno e final do diabo e dos condenados). (Ver Inferno e Xeol).

Abisai – ‘Meu Pai é Jessé’. Dedicado sobrinho de Davi. Filho de sua irmã Zervia. Passeando à noite com Davi no campo de Saul, teria matado o rei com sua própria espada se Davi não o tivesse contido. Abisai implorou permissão para matar Simei, que havia amaldiçoado a Davi quando ele fugia das garras de Absalão. Mais tarde tomou parte na luta que pôs fim à insurreição de Absalão. Lutou contra os amonitas e os edomeus, teve participação desleal na morte (assassinato) de Abner – comandante e chefe do Exército de Saul – e na perseguição de Bicri. Salvou Davi da mão de Isbi-Benope, o gigante filisteu, a quem matou. Segundo os relatos bíblicos, lutou com trezentos homens³.

Abraão – ‘Pai de uma grande multidão’. Etimologia incerta e discutida. Antepassado comum de hebreus e árabes, celebrou aliança com *Yhwh* (Javé?), que lhe prometeu numerosa descendência e a posse da Terra Santa – Terra da Promissão. Era filho de Terá e procedente de Harã, na Mesopotâmia (c. séc. XIX A.E.C.). Pertencia ao grupo dos Nabibu, Napiru ou Habiru. Desposou Sara, mulher de grande beleza, porém “estéril”. Assim, para ter descendentes, amancebou-se com sua escrava Agar, com quem teve Ismael, antepassado dos Árabes. Depois de treze anos, Sara concebeu e deu a luz a Isaac. Havendo desentendimento entre as duas mulheres, Agar acabou sendo expulsa. Durante algum tempo Abraão esteve no Egito, e Sara passou por sua irmã⁴ para não ser morta, com isso, foi incorporada ao harém do Faraó. Deus,

porém, “apareceu” em sonho a Abimeleque e mandou que restituísse a mulher a seu marido, para que ele e os seus não viessem a morrer. Abraão, retornando a Canaã, residiu em diversos lugares no sul da Palestina: Siquém, Betel, Hebron e Berseba. Após a morte de Sara – em Hebron – casou-se com Cetura ou Qeturra, nascendo dessa união Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Suá⁵. Homem piedoso e temente a Deus era também valente guerreiro e viveu, segundo os relatos bíblicos, 175 anos. Foi sepultado na gruta de Macpela adquirida para túmulo da família⁶. (2) (4) (26) (27) (37) (80) (81) (123) (167) (213). (Ver Isaque e Sara).

Absalão – ‘Meu Pai é Paz’. Filho de Davi e Maaca, nasceu em Hebron. Acima de qualquer situação, Absalão queria vingar sua irmã Tamar por ter sido violada por seu irmão Amnon, filho mais velho de Davi e de Ainoã, a jizreelita. Depois do assassinato de Amnon, Absalão fugiu para Talmi e lá permaneceu por três anos⁷. Após este tempo de isolamento, pediram a Davi que permitisse a sua volta e ele consentiu, mas não quis ter contato com Absalão por mais dois anos, quando afinal, seu o beijo de perdão e reconciliação. Desta forma, era agora Absalão o filho mais velho de Davi que receava ser derrubado pelo filho de Bate-Seba – Salomão. Com isso, procurou ter popularidade, mantendo uma excelente corte. Não conseguindo ter apoio de seu pai, revoltou-se e a princípio fora bem-sucedido, mas depois foi capturado e morto por Joabe, sobrinho de Davi, apesar da proibição de Davi que ainda amava seu filho⁸.

Acamana (Índia) – Purificação executada, sorvendo água e proferindo os nomes de Vishnu, antes de realizar os sacrifícios.

Acarya (Índia) – Aquele que ensina por meio do exemplo pessoal; preceptor espiritual versado nas escrituras; guru. (Ver Prabhupada).

Acaso – Aquilo que não é previsível ou em que se supõe uma indeterminação; foge à Lei de causa e efeito. (Ver Fatalidade).

Acintya (Índia) – Doutrina do Senhor Chaitanya, de inconcebível igualdade e diferença entre Deus e Suas energias, que está além da concepção material, além dos limites perceptivos e cognitivos dos sentidos, mente e intelecto materiais; capaz de ser entendido apenas mediante a cognição espiritual.

Ação e Reação – (Ver Lei de Causa e Efeito).

Adad (Acádio) – ‘Ventos e Raios’. Cultuado na Assíria com este mesmo nome (de que é prova o nome dos reis Shamsi-Adad, invocação simultânea de Shamash e de Adad), mas na Babilônia era conhecido como Bel. Os acadianos falavam um idioma semítico, estiveram presentes na Mesopotâmia desde os tempos da chegada dos sumérios, ou posteriormente.

Adão – Em hebraico *Adam* significa a humanidade. Não sendo propriamente um nome de um indivíduo, a palavra Adão pode ser a personificação da humanidade ou de alguma tribo ou clã existentes em tempos distantes e que a sua suposta ‘queda’⁹ demonstra a franqueza do homem, o que pode muito bem simbolizar a destruição de uma tribo por guerras ou mesmo a predominância das posses materiais que não soube resistir¹⁰. “De acordo com os ensinamentos cabalísticos, as almas de todos os homens foram uma vez parte da grande alma de Adão e aqueles que são capazes de se ajudar mutuamente na vida têm almas que pertenceram a uma área similar da alma original de Adão”¹¹. “Adão e seus descendentes são representados no Gênesis como homens essencialmente inteligentes, pois, desde a segunda geração constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e dura-

douros. Não se conceberia que tivessem como descendentes povos tão numerosos e tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias equiparem-se à animalidade; que teriam perdido todos os traços e até a menor recordação tradicional daquilo que seus pais faziam. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atestam, com não menos evidência, uma diferença de origem”¹². (Ver Eva, Lilith e Pecado Original).

Adhyatma Ramayana (Índia) – Literalmente interpretação espiritual da vida de Sri Rama; versão derivada do Ramayana, que interpreta o épico em termos do não dualismo e enfatiza a natureza divina de Sri Rama. (Ver Ramayana).

Adocianismo – Grupo de cristãos dos séculos II e III que afirmavam que Jesus era eminentemente humano. Para estes pensadores Jesus não era filho direto de Deus e sim um profeta judeu que obedecia rigorosamente às leis judaicas. Os adocionistas acreditavam que Jesus nascera como todos nós, tinha um pai e uma mãe biológicos e fora adotado por Deus na hora do batismo. Acreditavam também que para seguir os ensinamentos de Jesus era necessário ser judeu. Uma das alterações que podem ser provadas (porque ainda existem manuscritos mais antigos) refere-se exatamente ao batismo de Jesus. Nos evangelhos, lemos que depois do batismo, o espírito santo desceu dos céus em forma de pomba. “E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3.17). E ouviu-se uma voz dos céus, que dizia: “Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo” (Marcos 1.11). “E o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Lucas 3.22). Segundo o pesquisador e professor de Teologia, Bart D. Ehrman, nos textos mais antigos, Deus diz: “Tu

és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?” (Hebreus 1.5). (Ver Docetas, Ebionistas e Heresia). (330).

Adocionista – (Ver Adocianismo).

Adventismo – Pensamento religioso advindo da “reforma” Protestante, iniciado no século XIX por William Miller,



pregador batista e ex-capitão do exército da Guerra de 1812. Miller afirmou, por meio de uma profecia (possivelmente baseada nos textos de Daniel 7.13, 14), o Segundo Advento de Cristo na Terra em 22 de outubro de 1844. Como Jesus não apareceu, milhares de fiéis decepcionados com essa profecia abandonaram o grupo. Os poucos que ficaram continuaram acreditando nessa volta de Jesus, daí o nascimento da *Igreja Adventista do Sétimo Dia* para aguardar este retorno. A segunda figura mais importante desse movimento religioso baseado na revalorização do cristianismo é Ellen Gould Haman (1827-1915), conhecida como a senhora Ellen White. Tem várias obras escritas, entre as mais famosas encontramos *A Vida de Jesus*. Este pensamento é bem próximo do Judaísmo, respeitam o *sabbat* como o dia anunciado para o descanso (o sabbat começa às 18 horas da sexta-feira). Nesse dia não se faz nada para ganho pessoal e sim para o próximo. Levam, na medida do possível, uma vida equilibrada no que se refere à alimentação e ao uso de substâncias químicas. Não se alimentam de carne suína, por ser proibida e considerada imunda e imprópria para o consumo, não fazem uso de álcool, tabaco ou qualquer substância química (droga) que faça entorpecer os sentidos. Propagam suas mensagens

por meio de palestras gratuitas sobre o não uso de drogas em seus templos, escolas e outros locais públicos. Fazem uso e pesquisam de forma acentuada na área da medicina natural, utilizando-se de plantas para a cura de muitas doenças.

Os Adventistas do Sétimo Dia Creem que...

Crenças Fundamentais, 1

As Escrituras Sagradas, o Antigo e o Novo Testamento são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina por intermédio de santos homens de Deus que falaram e escreveram ao serem movidos pelo Espírito Santo. Nesta Palavra, Deus transmitiu ao homem o conhecimento necessário para a salvação. As Escrituras Sagradas são a infalível revelação de Sua vontade. Constituem o padrão de caráter, a prova da experiência, o autorizado revelador de doutrinas e o registro fidedigno dos atos de Deus na História.

Crenças Fundamentais, 2

Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo; uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua autorrevelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda criação.

Crenças Fundamentais, 3

Deus, O Eterno Pai, é o Criador, o originado, o Mantenedor e o Soberano de toda a criação. Ele é justo e santo, compassivo e clemente, tardio em irar-Se, e grande em constante amor e fidelidade. As qualidades e os poderes manifestos no Filho e no Espírito Santo também constituem revelações do Pai.

Crenças Fundamentais, 4

Deus, o Filho Eterno, encarnou-Se em Jesus Cristo. Por meio dEle foram criadas todas as coisas, é revelado o caráter de Deus, efetuada a salvação da humanidade e julgado o mundo. Sendo para sempre verdadeiramente Deus, Ele Se tornou também verdadeiramente homem, Jesus, o Cristo. Foi concebido do Espírito Santo e nasceu da virgem Maria. Viveu, e experimentou a tentação como ser humano, mas exemplificou perfeitamente a justiça e o amor de Deus. Por Seus milagres manifestou o poder de Deus e atestou que era o Messias prometido por Deus. Sofreu e morreu voluntariamente

na cruz por nossos pecados e em nosso lugar, foi ressuscitado dentre os mortos e ascendeu para ministrar no santuário celestial em nosso favor. Virá outra vez, em glória, para o livramento final de Seu povo e a restauração de todas as coisas.

Crenças Fundamentais, 5

Deus, o Espírito Santo, desempenhou uma parte ativa com o Pai e o Filho na Criação, Encarnação e Redenção. Inspirou os escritores das Escrituras. Encheu de poder a vida de Cristo. Atrai e convence os seres humanos; e os que se mostram sensíveis são renovados e transformados por Ele, à imagem de Deus. Enviado pelo Pai e pelo Filho para estar sempre com Seus filhos, Ele concede dons espirituais a igreja, a habilita a dar testemunho de Cristo e, em harmonia com as Escrituras, guia-a em toda a verdade.

Crenças Fundamentais, 6

Deus é o Criador de todas as coisas, e revelou nas Escrituras o relato autêntico de Sua atividade criadora. "Em seis dias fez o Senhor os Céus e a Terra" e tudo que tem vida sobre a Terra, e descansou no sétimo dia dessa primeira semana. Assim Ele estabeleceu o sábado como perpétuo monumento comemorativo de Sua esmerada obra criadora. O primeiro homem e a primeira mulher foram formados à imagem de Deus como obra prima da Criação, foi-lhes dado domínio sobre o mundo e atribuiu-se-lhes a responsabilidade de cuidar dele. Quando o mundo foi concluído, ele era "muito bom", proclamando a glória de Deus.

Crenças Fundamentais, 7

O homem e a mulher foram formados à imagem de Deus com individualidade, o poder e a liberdade de pensar e agir. Conquanto tenham sido criados como seres livres, cada um é uma unidade indivisível de corpo, mente e alma, e dependente de Deus quanto a vida, respiração e tudo o mais. Quando nossos primeiros pais desobedeceram a Deus, negaram sua dependência dEle e caíram de sua elevada posição abaixo de Deus. A imagem de Deus, neles, foi desfigurada, e tornaram-se sujeitos à morte. Seus descendentes partilham dessa natureza caída e de suas conseqüências. Nasceram com fraquezas e tendências para o mal. Mas Deus, em Cristo, reconciliou consigo o mundo e por meio de Seu Espírito restaura nos mortais penitentes a imagem de seu Criador. Criados para

a glória de Deus, são chamados para amá-Lo e uns aos outros, e para cuidar de seu ambiente.

Crenças Fundamentais, 8

Toda a humanidade está agora envolvida num grande conflito entre Cristo e Satanás, quanto ao caráter de Deus, Sua lei e Sua soberania sobre o Universo. Esse conflito originou-se no Céu quando um ser criado, dotado de liberdade de escolha, por exaltação própria, tornou-se Satanás, o adversário de Deus, e conduziu à rebelião uma parte dos anjos. Ele introduziu o espírito de rebelião neste mundo, ao induzir Adão e Eva em pecado. Este pecado humano resultou na deformação da imagem de Deus na humanidade, no transtorno do mundo criado e em sua conseqüente devastação por ocasião do dilúvio mundial. Observado por toda a criação, este mundo tornou-se o palco do conflito universal, dentro do qual será finalmente vindicado o Deus de amor. Para ajudar Seu povo nesse conflito, Cristo envia o Espírito Santo e os anjos leais, para os guiar, proteger e amparar no caminho da salvação.

Crenças Fundamentais, 9

Na vida de Cristo, de perfeita obediência à vontade de Deus, e em Seu sofrimento, morte e ressurreição, Deus proveu o único meio de expiação do pecado humano, de modo que os que aceitam essa expiação pela fé, possam ter vida eterna, e toda a criação compreenda melhor o infinito e santo amor do Criador. Esta expiação perfeita vindica a justiça da lei de Deus e a benignidade de Seu caráter; pois ela não somente condena o nosso pecado, mas também garante o nosso perdão. A morte de Cristo é substituinte e expiatória, reconciliadora e transformadora. A ressurreição de Cristo proclama a vitória de Deus sobre as forças do mal, e assegura a vitória final sobre o pecado e a morte para os que aceitam a expiação. Proclama a soberania de Jesus Cristo, diante do qual se dobrará todo joelho, no Céu e na Terra.

Crenças Fundamentais, 10

Em infinito amor e misericórdia, Deus fez com que Cristo, que não conheceu pecado, Se tornasse pecado por nós, para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus. Guiados pelo Espírito Santo, sentimos nossa necessidade, reconhecemos nossa pecaminosidade, arrependemo-nos de nossas transgressões e temos fé em Jesus como Senhor e Cristo, como Substituto e Exemplo. Esta fé que

aceita a salvação advém do divino poder da Palavra e é o dom da graça de Deus. Por meio de Cristo, somos justificados, adotados como filhos e filhas de Deus, e libertados do domínio do pecado. Por meio do Espírito, nascemos de novo e somos santificados; o Espírito renova nossa mente, escreve a lei de Deus, a lei de amor, em nosso coração, e recebemos o poder para levar uma vida santa. Permanecendo n'Ele, tomamo-nos participantes da natureza divina e temos a certeza da salvação agora e no Juízo.

Crenças Fundamentais, 11

A Igreja é a comunidade de crentes que confessam a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Em continuidade do povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento, somos chamados para fora do mundo; e unimos-nos para prestar culto, para comunhão, para instrução na Palavra, para a celebração da Ceia do Senhor, para o serviço à toda humanidade e para a proclamação mundial do Evangelho. A Igreja recebe sua autoridade de Cristo, o qual é a Palavra encarnada, e das Escrituras, que são a Palavra escrita. A Igreja é a família de Deus; adotados por Ele como filhos, seus membros vivem com base no novo concerto. A Igreja e o corpo de Cristo, uma comunidade de fé, da qual o próprio Cristo é a Cabeça. A Igreja é a Noiva pela qual Cristo morreu para que pudesse santificá-la e purificá-la. Em Sua volta triunfal, Ele a apresentará a Si mesmo Igreja gloriosa, os fiéis de todos os séculos, a aquisição de Seu sangue, sem mácula, nem ruga, porém santa e sem defeito.

Crenças Fundamentais, 12

A Igreja universal compõe-se de todos os que verdadeiramente creem em Cristo; mas, nos últimos dias, um tempo de ampla apostasia, um remanescente tem sido chamado para fora, a fim de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Este remanescente anuncia a chegada da hora do Juízo, proclama a salvação por meio de Cristo e prediz a aproximação de Seu segundo advento. Essa proclamação é simbolizada pelos três anjos de Apocalipse 14; coincide com a obra de julgamento no Céu e resulta numa obra de arrependimento e reforma na Terra. Todo crente é convidado a ter uma parte pessoal neste testemunho mundial.

Crenças Fundamentais, 13

A Igreja é um corpo com muitos membros, chamados de toda nação, tribo, língua e povo. Em Cristo

somos uma nova criação; distinções de raça, cultura e nacionalidade, e diferenças entre altos e baixos, ricos e pobres, homens e mulheres, não devem ser motivo de dissensões entre nós. Todos somos iguais em Cristo, o qual por um só Espírito nos uniu numa comunhão com Ele e uns com os outros; devemos servir e ser servidos sem parcialidade ou restrição. Mediante a revelação de Jesus Cristo nas Escrituras, partilhamos a mesma fé e esperança e estendemos um só testemunho para todos. Essa unidade encontra sua fonte na unidade do Deus trino, que nos adotou como Seus filhos.

Crenças Fundamentais, 14

Pelo batismo confessamos nossa fé na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, e atestamos nossa morte para o pecado e nosso propósito de andar em novidade de vida. Assim reconhecemos a Cristo como Senhor e Salvador, tornamo-nos Seu povo e somos aceitos como membros por Sua Igreja. O batismo é um símbolo de nossa união com Cristo, do perdão de nossos pecados e de nosso recebimento do Espírito Santo. É por imersão na água e depende de uma afirmação de fé em Jesus e da evidência de arrependimento do pecado. Segue-se à instrução nas Escrituras Sagradas e à aceitação de seus ensinamentos.

Crenças Fundamentais, 15

A Ceia do Senhor é uma participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus, como expressão de fé nEle, nosso Senhor e Salvador. Nesta experiência de comunhão, Cristo está presente para encontrar-Se com Seu povo e fortalecê-lo. Participando da Ceia, proclamamos alegremente a morte do Senhor até que Ele volte. A preparação envolve o exame de consciência, o arrependimento e a confissão. O Mestre instituiu a cerimônia do lava-pés para representar renovada purificação, para expressar a disposição de servir um ao outro em humildade semelhante à de Cristo, e para unir nossos corações em amor. O Serviço da Comunhão é franqueado a todos os crentes cristãos.

Crenças Fundamentais, 16

Deus concede a todos os membros de Sua Igreja, em todas as épocas, dons espirituais que cada membro deve empregar em amoroso ministério para o bem da Igreja e da humanidade. Sendo outorgados pela atuação do Espírito Santo, o qual distribui a cada membro como Lhe apraz, os dons proveem todas as aptidões e ministérios

de que a Igreja necessita para cumprir suas funções divinamente ordenadas. De acordo com as Escrituras, esses dons abrangem tais ministérios como a fé, cura, profecia, proclamação, ensino, administração, reconciliação, compaixão, e serviço abnegado e caridade para ajuda e animação das pessoas. Alguns membros são chamados por Deus e dotados pelo Espírito para funções reconhecidas pela Igreja em ministérios pastorais, evangelísticos, apostólicos e de ensino especialmente necessários para habilitar os membros para o serviço, edificar a igreja com vistas à maturidade espiritual e promover a unidade da fé e do conhecimento de Deus. Quando os membros utilizam esses dons espirituais como fiéis despenseiros da multiforme graça de Deus, a Igreja é protegida contra a influência demolidora de falsas doutrinas, tem um crescimento que provém de Deus e é edificada na fé e no amor.

Crenças Fundamentais, 17

Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Este dom é uma característica da Igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à Igreja. Eles também tornam claro que a Bíblia e a norma pela qual deve ser provado todo ensino é experiência.

Crenças Fundamentais, 18

Os grandes princípios da lei de Deus são incorporados nos Dez Mandamentos e exemplificados na vida de Cristo. Expressam o amor, a vontade e os propósitos de Deus acerca da conduta e das relações humanas, e são obrigatórios a todas as pessoas, em todas as épocas. Esses preceitos constituem a base do concerto de Deus com Seu povo e a norma no julgamento de Deus. Por meio da atuação do Espírito Santo, eles apontam para o pecado e despertam o senso da necessidade de um Salvador. A salvação é inteiramente pela graça, e não pelas obras, mas seu fruto e a obediência aos mandamentos. Essa obediência desenvolve o caráter cristão e resulta numa sensação de bem-estar. É uma evidência de nosso amor ao Senhor e de nossa solicitude por nossos semelhantes. A obediência da fé demonstra o poder de Cristo para transformar vidas, e fortalece, portanto, o testemunho cristão.

Crenças Fundamentais, 19

O bondoso Criador, após os seis dias da Criação, descansou no sétimo dia e instituiu o sábado para todas as pessoas, como memorial da Criação. O quarto mandamento da imutável lei de Deus requer a observância deste sábado do sétimo dia como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e prática de Jesus, o Senhor do sábado. O sábado é um dia de deleitosa comunhão com Deus e uns com os outros. É um símbolo de nossa redenção em Cristo, um sinal de nossa santificação, uma prova de nossa lealdade e um antegozo de nosso futuro eterno no reino de Deus. O sábado é o sinal perpétuo do eterno concerto de Deus com Seu povo. A prazerosa observância deste tempo sagrado duma tarde a outra tarde, do pôr-do-sol ao pôr-do-sol, é uma celebração dos atos criadores e redentores de Deus.

Crenças Fundamentais, 20

Somos despenseiros de Deus, responsáveis a Ele pelo uso apropriado do tempo e das oportunidades, capacidades e posses, e das bênçãos da Terra e seus recursos, que Ele colocou sob o nosso cuidado. Reconhecemos o direito de propriedade da parte de Deus por meio de fiel serviço a Ele e a nossos semelhantes; devolvendo os dízimos e dando ofertas para a proclamação de Seu evangelho e para a manutenção e o crescimento de Sua Igreja. A mordomia é um privilégio que Deus nos concede para desenvolvimento no amor e para vitória sobre o egoísmo e a cobiça. O mordomo regozija-se nas bênçãos que advêm aos outros como resultado de sua fidelidade.

Crenças Fundamentais, 21

Somos chamados para ser um povo piedoso que pensa, sente e age de acordo com os princípios do Céu. Para que o Espírito recrie em nós o caráter de nosso Senhor, só nos envolvemos naquelas coisas que produzirão em nossa vida pureza, saúde e alegria semelhantes às de Cristo. Isso significa que nossas diversões e entretenimentos devem corresponder aos mais altos padrões do gosto e beleza cristãos. Embora reconheçamos diferenças culturais, nosso vestuário deve ser simples, modesto e de bom gosto, apropriados aqueles cuja verdadeira beleza não consiste no adorno exterior, mas no ornamento imperecível de um espírito manso e tranquilo. Significa também que, sendo o nosso corpo o templo do Espírito Santo,

devemos cuidar dele inteligentemente. Junto com adequado exercício e repouso, devemos adotar a alimentação mais saudável possível e abster-nos dos alimentos imundos identificados nas Escrituras. Visto que as bebidas alcoólicas, o fumo e o uso irresponsáveis de medicamentos e narcóticos são prejudiciais a nosso corpo, também devemos abster-nos dessas coisas. Em vez disso, devemos empenhar-nos em tudo que submeta nossos pensamentos e nosso corpo à disciplina de Cristo, o qual deseja nossa integridade, alegria e bem-estar.

Crenças Fundamentais, 22

O casamento foi divinamente estabelecido no Éden e confirmado por Jesus como união vitalícia entre um homem e uma mulher, em amoroso companheirismo. Para o cristão, o compromisso matrimonial é com Deus bem como com o cônjuge, e só deve ser assumido entre parceiros que partilham da mesma fé. Mútuo amor, honra, respeito e responsabilidade constituem a estrutura dessa relação, a qual deve refletir o amor, a santidade, a intimidade e a constância da relação entre Cristo e Sua Igreja. No tocante ao divórcio, Jesus ensinou que a pessoa que se divorcia do cônjuge, a não ser por causa de fornicção, e se case com outro, comete adultério. Conquanto algumas relações de família fiquem aquém do ideal, os consortes que se dedicam inteiramente um ao outro, em Cristo, podem alcançar amorosa unidade por meio da orientação do Espírito e a instrução da Igreja. Deus abençoa a família e tenciona que seus membros ajudem um ao outro a alcançar completa maturidade. Os pais devem educar os seus filhos a amar o Senhor e a obedecer-Lhe. Por seu exemplo e suas palavras, devem ensinar-lhes que Cristo é um disciplinador amoroso, sempre terno e solícito, desejando que se tornem membros do Seu corpo, a família de Deus. Crescente intimidade familiar é uma das características da mensagem final do evangelho.

Crenças Fundamentais, 23

Há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas, na cruz. Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote e começou Seu ministério intercessório por ocasião de Sua ascensão. Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, Ele iniciou a segunda e última

etapa de Seu ministério expiatório. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Expição. Nesse serviço típico, o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O juízo investigativo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, nEle, considerado digno de ter parte na primeira ressurreição. Também toma manifesto quem, dentre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, nEle, preparado para a transladação ao Seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que creem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino. A terminação do ministério de Cristo assinalará o fim do tempo da graça para os seres humanos, antes do Segundo Advento.

Crenças Fundamentais, 24

A segunda vinda de Cristo e a bendita esperança da Igreja, o grande ponto culminante do evangelho. A vinda do Salvador será literal, pessoal, visível e universal. Quando Ele voltar, os justos falecidos serão ressuscitados e, juntamente com os justos que estiverem vivos, serão glorificados e levados para o Céu, mas os ímpios irão morrer. O cumprimento quase completo da maioria dos aspectos da profecia, bem como a condição atual do mundo, indica que a vinda de Cristo é iminente. O tempo exato desse acontecimento não foi revelado, e somos, portanto, exortados a estar preparados em todo o tempo.

Crenças Fundamentais, 25

O salário do pecado é a morte. Mas Deus, o único que é imortal, concederá vida eterna a Seus remidos. Até aquele dia, a morte é um estado inconsciente para todas as pessoas. Quando Cristo, que é a nossa vida, Se manifestar, os justos ressuscitados e os justos vivos serão glorificados e arrebatados para o encontro de seu Senhor. A segunda ressurreição, a ressurreição dos ímpios, ocorrerá mil anos mais tarde.

Crenças Fundamentais, 26

O milênio é o reinado de mil anos, de Cristo com Seus santos, no Céu, entre a primeira e a segunda ressurreição. Durante esse tempo, serão julgados

os ímpios mortos, a Terra estará completamente desolada, sem habitantes humanos com vida, mas ocupada por Satanás e seus anjos. No fim desse período, Cristo com Seus Santos e a Cidade Santa descerão do Céu à Terra. Os ímpios mortos serão então ressuscitados e, com Satanás e seus anjos, cercarão a cidade; mas fogo de Deus os consumirá e purificará a Terra. O Universo ficará assim eternamente livre do pecado e dos pecadores.

Crenças Fundamentais, 27

Na Nova Terra, em que habita justiça, Deus proverá um lar eterno para os remidos e um ambiente perfeito para vida, amor, alegria e aprendizado eterno, em Sua presença. Pois aqui o próprio Deus habitará com o Seu povo, e o sofrimento e a morte terão passado. O grande conflito estará terminado e não mais existirá pecado. Todas as coisas, animadas e inanimadas, declararão que Deus é amor; e Ele reinará para todo o sempre. Amém. (Ver Anglicanismo, Exército de Salvação, Batistas, Liberalismo, Luteranismo, Mennonismo, Metodismo, Pentecostalismo, Presbiterianismo e Quaker).

Aerobus – Segundo o pensamento espírita, representa o transporte aéreo espiritual para Espíritos recentemente desencarnados que não podem locomover-se pela própria volição e necessitam de amparo até certo ponto material. Segundo André Luiz, o Aerobus teria a forma de um grande funicular, ou seja, vias férreas destinadas a subir e descer fortes declives e cujos vagões vão presos a um cabo trator.

Aetherius – Grupo dedicado à investigação dos fenômenos ligados aos OVNIS, fundado por Georges King em 1954. Por meio da experiência e conhecimento ligados ao espiritismo e ao ocultismo, o fundador teria entrado em contato com o Rei Astherius de Vênus que o levou a fundar o grupo.

Afinidade – Do latim *affinitate*. Maneira de sentir, pensar, perceber, apreender de modo afim, análogo, semelhante. Segundo Kardec, a afinidade fluidica é

essencial para uma boa comunicação mediúcnica. (1) (3) (6) (37) (45).

Ágape – Um dos quatro termos gregos para a mesma palavra. Os outros são *filia*, *eros* e *storgué*. Pode ser traduzida por amor. Não é um termo clássico, embora tenha sido usado por Xenofonte e Plutarco. No livro da Sabedoria, é usado para descrever o amor de Deus e a sabedoria. No Novo Testamento encontramos em passagens como Cartas ao Colosenses, Carta aos Efésios, João, Mateus etc.

Agar – ‘Emigração ou fuga’. Serva egípcia de Sara, com quem Abraão amancebrou-se por Sara não poder ter filhos. Desta união nasceu Ismael que, segundo a tradição, seria contado como filho de Sara¹³. Numa contenda entre Sara e Agar, Abraão percebeu que as mulheres não poderiam viver no mesmo teto e expulsou definitivamente Agar e o menino para o deserto. Segundo a tradição, o menino e Agar foram salvos milagrosamente pelo anjo Gabriel, e Agar passou a ser chamada pelos árabes de “mãe Agar”. Talvez a expulsão de Agar seja o motivo da guerra entre judeus e árabes¹⁴.

Agênere – Do gr. *a* – privativo, e *géine*, *géinomai*: gerar – etimologicamente não gerado. Segundo o pensamento espírita é o estado em que o Espírito toma formas visíveis mostrando-se simplesmente ou apenas materializando-se¹⁵. “Os espíritos que se apresentam nestas condições não nascem nem morrem como os outros homens. São vistos, e depois não são vistos mais, sem saber de onde vieram, como vieram nem aonde vão. Não se poderia matá-los, nem acorrentá-los, nem prendê-los, pois não possuem o corpo carnal, os golpes que lhes fossem infligidos atingiram o vácuo. Os Agêneres jamais demoram por muito tempo, e não podem tornar-se comensais habituais de uma casa nem figurar entre os membros de uma família”¹⁶. (7) (66) (67). (Ver Aparição).

Ageu – ‘Festivo’. Pouco se sabe deste profeta. Seu nascimento talvez tenha se dado durante o cativeiro na Babilônia. Lugar em que veio com Zorobabel para Jerusalém em aproximadamente 536 A.E.C. Foi Ageu que incentivou Zorobabel e Josué que recomeçassem a reconstrução do templo. Vieram a estabelecer-se entre os Judeus somente em 516 a 520 A.E.C., ou seja, dezesseis a vinte anos após a volta do cativeiro. O Livro de Ageu teve grande importância para os Judeus, porque veio com a finalidade de exortar, de remover as dúvidas e de levantar as energias enfraquecidas do povo. Ageu também é considerado um dos três profetas da Restauração.

Agnus Dei – ‘Cordeiro de Deus’. Expressão utilizada pela religião cristã para referir-se a Jesus, identificado como o Cristo, salvador da humanidade, sacrificado em resgate pelo pecado original. (Ver Cristo).

Agnosticismo – Do gr. *agnotos*: desconhecido. ‘Qualquer doutrina que afirma a impossibilidade de conhecer a natureza última das coisas’. Apesar de ser utilizada para designar indivíduos ateus, materialistas ou descrentes, essa não é a acepção semântica correta em filosofia. Esse termo foi criado na segunda metade do século XIX para designar incapacidade de conhecimento de tudo o que extrapola os sentidos¹⁷. A confusão possivelmente é feita pela vogal *a* que designa, na maioria dos casos, uma ‘negação’, como acontece em outras situações como, por exemplo: *ateu* – *a* negação e *théos*: Deus. “O agnosticismo é a doutrina que supõe existir um conhecimento superior ou uma explicação total das coisas, sem vínculos necessários com uma religião. Em nossos dias, é muito comum a confusão entre agnosticismo e ateísmo. No entanto, o agnosticismo não pretende negar a existência de Deus, mas somente reconhecer que não podemos afirmá-la ou negá-la; ademais, não se limita à

questão da existência de Deus”¹⁸. (Ver Gnose e Apócrifos).

Agnóstico – (Ver Agnosticismo).

Agora – Seita sincretista que combina elementos do tipo gnóstico e esotérico com outros de caráter oriental. (Ver Esoterismo, Gnósticos e Seita).

Agradecimento – (Ver Prece).

Ágrafa de Jesus – Citações atribuídas a Jesus e não encontradas nos Evangelho, mas nos apócrifos do Novo Testamento, na literatura gnóstica, no Talmude e em diversas fontes muçulmanas. (Ver Apócrifos, Talmude e Corão).

Agripa – (Ver Herodes Agripa).

Água Fluidificada ‘Benzida, benta, ungida etc’. – Essa prática não é de uso recente ou mesmo cristã. Era utilizada desde os tempos antigos pelos xamãs, feiticeiros, orixás, egípcios, hindus e místicos de todas as ramificações mágico-religiosas que acreditavam que as palavras, a oração ou qualquer emissão de som eram capazes de transformar a água comum em um poderoso elixir, remédio ou mesmo anestésico.

Mesmo sem alterar as proporções, muitas vezes é suficiente uma simples modificação na forma de agregação molecular para mudar as propriedades. É assim que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Desde que o Espírito, por meio de sua vontade, pode agir tão decisivamente sobre a matéria elementar, compreende-se que possa formar substâncias e até mesmo desnaturar as suas propriedades, usando a própria vontade como reativo. Esta teoria nos dá a solução de um problema do magnetismo, bem conhecido, mas até hoje inexplicável, que é o fato da modificação das propriedades da água pela vontade. Segundo o pensamento espírita, o Espírito agente é o do magnetizador, na maioria das vezes assistido por um Espírito desencarnado. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como já dissemos, é a substância que mais

se aproxima da matéria cósmica ou elemento universal. E se ele pode produzir uma modificação nas propriedades da água, pode igualmente fazê-lo no tocante aos fluidos orgânicos, do que resulta convenientemente dirigida¹⁹.

Segundo o pensamento de Kardec, existe uma modificação molecular na água pela vontade do Espírito desencarnado ou de um magnetizador. Ficamos a perguntar em que partícula existiria tal modificação e se seria possível detectá-la. Pensamos que essa modificação, apregoada por Kardec em 1863 não seja uma modificação na estrutura simples dos átomos de hidrogênio e oxigênio, mas uma interação em nível quântico das energias subatômicas e interatômica existentes no suposto vácuo desses átomos em que essa suposta formação de interação pressupõe a aproximação entre os átomos e só ocorre com o aumento da força de atração entre eles. Com o desenvolvimento da física e da química no século em que vivemos, já é possível uma análise desse porte na ‘água fluidificada’ e descobrir em qual dos átomos (hidrogênio ou oxigênio) se passa essa *modificação na forma de agregação molecular*. Talvez esta descoberta seja uma das maiores tarefas e desafios dos físicos e químicos do século XXI.

Aiatolá (Ayatollah) – Literalmente ‘reflexo de Deus’. No Islã xiita os mais sábios professores de religião e interpretes da lei recebem este título. O Ayatollah (sinal de Deus) é uma das diversificações do xiismo (duodecimâmicos), que declina o título de imã. A partir do século XVI os xiitas duodecimâmicos promoveram e editaram seu próprio estatuto de conduta e com o tempo transformaram-no em estatuto de religião do Estado. (278) (367) (368) (369) (370) (371) (372) (373) (374) (375). (Ver Corão e Maomé).

Aimeleque – ‘Pai de um Rei’. Rei de Gerar no tempo de Abraão que levou Sara para o seu harém. Todavia avisado por “Deus”, num sonho “Restituiu a mulher ao seu